

JORNAL PETROLEIROS

LUGAR DE MULHER É NO SINDICATO QUE ELA QUISER

APESAR DAS BARREIRAS AINDA EXISTENTES, MULHERES CONQUISTAM
ESPAÇO E PROTAGONISMO NO MOVIMENTO SINDICAL





Foto: Divulgação

AVANÇAMOS,
MAS AINDA
TEMOS DESAFIOS
ENORMES!

O 8 de março deste ano nos encontra em um momento político positivo, marcado pela retomada de políticas públicas para as mulheres. Mas a luta ainda nos coloca gigantescos desafios.

Queremos um mundo sem opressores e oprimidos e, para isso, é necessário desnaturalizar comportamentos. No trabalho é comum sermos mais interrompidas nas reuniões, por exemplo. Quando uma sugestão vem de uma mulher, o mérito sempre é da equipe, mas quando é de um homem, é dele. Falta de vestiário, uniforme adequado, salas de aleitamento, até equipamentos desenvolvidos apenas para o manuseio masculino... Tudo isso é machismo estrutural.

O patriarcado perpetua esses comportamentos porque compreende que não deveríamos estar nesses espaços.

Na Petrobrás, temos conseguido avanços, por meio de campanhas contra assédios, realização de palestras para homens e mulheres, programas de mentoria feminina e, principalmente, não engavetando as denúncias. Porém, valores não se desconstroem de um dia para o outro, e o caminho é longo para termos de fato a igualdade de gênero na empresa.

Preparamos esta edição especial para honrar a luta das mulheres. Nela, vocês irão encontrar histórias de trabalhadoras de diversas categorias, que compartilham dores e sofrimentos, mas também conquistas e esperanças.



Foto: Ricardo Stuckert

Cerimônia de Sanção ao Projeto de Lei nº 1085/2023, que trata da igualdade salarial e remuneratória entre mulheres e homens

OS AVANÇOS E OS DESAFIOS
DO GOVERNO LULA PARA A
IGUALDADE DE GÊNERO

Por Maria Luiza da Costa*

Um primeiro aspecto a ressaltar em relação às políticas para as mulheres no governo Lula é que quando as integrantes do Ministério das Mulheres assumiram seus cargos, encontraram uma terra arrasada. Não havia estrutura física nem pessoal e as políticas para as mulheres construídas ao longo dos governos Lula e Dilma foram destruídas. Diante dessa situação, o Ministério passou um período, o do ano passado, tentando reconstruir algumas dessas políticas.

Mesmo com essas dificuldades, como parte das atividades do Dia Internacional da Mulher de 2023, o presidente Lula anunciou um conjunto de medidas importantes para a igualdade de direitos entre mulheres e homens, entre elas: enviou ao congresso Projeto de Lei para garantir o pagamento pelo empregador de salários iguais para homens e mulheres que exercem a mesma função; a proposta de ratificação da Convenção 190 da Organização Internacional do Trabalho (OIT), que trata do direito de todas as pessoas a um mundo de trabalho livre de violência e assédio, incluindo a violência de gênero e da Convenção 156, que trata da não discriminação de trabalhadores e trabalhadoras com responsabilidades familiares.

Logo no início do ano, o Ministério começou um processo de recuperação do 180 enquanto serviço para as mulheres vítimas de violência, que tinha sido completamente descaracterizado do seu papel. Também foi retomado o Pacto de Enfrentamento à Violência, tendo como centralidade a reconstrução das Casas da Mulher Brasileira. Numa parceria com o

Ministério da Justiça, o Ministério da Mulher busca construir, no primeiro mandato de Lula, 40 novas casas.

Em maio do ano passado, o governo lançou o grupo de trabalho interministerial responsável por elaborar a Política Nacional de Cuidados. O objetivo é entregar até maio deste ano a Política Nacional de Cuidados e, além da política, um Plano Nacional de Cuidados para a população brasileira.

Considerando que as mulheres são responsáveis pelo cuidado no país, e no mundo e que o cuidado é uma ação que organiza e mantém vida humana, ao pensar uma política nacional de cuidados é necessário pensar, também, na perspectiva de gênero.

Em março, o presidente enviou para o Congresso Nacional o PL da igualdade salarial. O Congresso aprovou o projeto. Em julho o presidente sancionou e em novembro foi elaborado o decreto de regulamentação da lei.

O ministério tem mantido um diálogo direto e permanente com o movimento social organizado. No ano passado foram instituídos vários fóruns, e outros estão sendo instalados, com o objetivo de ampliar e fortalecer o diálogo com as mulheres organizadas do nosso país.

Como é possível observar neste breve resumo, as iniciativas e realizações são inúmeras e os desafios imensos. Confira no site o artigo completo, com o detalhamento área por área das políticas para as mulheres no terceiro governo Lula.

*Feminista. Integrante da Marcha Mundial das Mulheres/SP



Camila Lisboa, em ato de lançamento do Plebiscito contra a Privatização da SABESP, Metrô e CPTM, realizado em setembro de 2023

METROVIÁRIA QUESTIONA PLANO TARCÍSIO: “SÓ O LUCRO É PRIVATIZADO”

A presidenta do Sindicato dos Metroviários e Metroviárias de São Paulo, Camila Lisboa, escancara nesta entrevista os prejuízos da entrega de serviços públicos ao mercado

Por Vítor Peruch

A cidade de São Paulo vive um período de tensão com a persistência do governador Tarcísio de Freitas (Republicanos) em privatizar serviços públicos estratégicos. Freitas já obteve aprovação dos deputados estaduais para privatizar a Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo (Sabesp) e promete ampliar essa agenda em 2024, incluindo trens, metrô e até mesmo unidades socioeducativas, como a Fundação Casa.

Diante desse cenário, o Sindipetro Unificado dialogou com Camila Lisboa, presidenta do Sindicato dos Metroviários e Metroviárias de São Paulo (Metroviários SP). Confira os principais trechos:

Qual o panorama das lutas dos metroviários diante das propostas de privatização?

Depois da enorme e muito importante mobilização que fizemos no ano passado, o governador Tarcísio adotou uma postura extremamente autoritária e agressiva ao aplicar advertência aos trabalhadores na segunda greve que fizemos em 28 de novembro. Bem no final do ano, entre o Natal e o Ano Novo, eles realizaram um processo de promoções para tentar ganhar algumas pessoas para o lado de lá.

Mas esses fatores, que tinham o objetivo de tentar quebrar a resistência e a organização da categoria metroviária, não podem significar recuo da luta. A luta contra as privatizações continua, porque

os problemas das privatizações continuam.

O governador de São Paulo já afirmou que a população escolheu esse plano de governo e, consequentemente, é favorável às privatizações. Vocês concordam com isso?

Além de ser um argumento errado do ponto de vista dos dados, é um argumento autoritário. Não é verdade que no sistema eleitoral e democrático brasileiro, quando alguém vence uma eleição, ganha uma carta branca para fazer o que quiser e que durante quatro anos a população deve ficar quieta e não pode contestar.

É verdade, ele ganhou a eleição geral, mas na capital paulista, que é onde passam todos os trilhos do metrô e a maior parte dos trilhos da CPTM, e de onde vem a maior arrecadação da Sabesp, ele perdeu a eleição e perdeu feio. A população rejeita as privatizações.

Recentemente, a privatização das linhas 8 e 9 completou dois anos. O que já é possível avaliar desse processo, como essas privatizações estão impactando a vida da população paulistana?

Nesses dois anos, a privatização das linhas 8 e 9 causou, além de um prejuízo enorme para a vida da população, um prejuízo financeiro para o Estado. Isso porque este tipo de contrato de concessão é de risco zero para o empresário. O passageiro da Via Mobilidade custa mais ao Estado do

que o passageiro do Metrô, pois, no contrato de concessão, o Estado é obrigado a pagar um valor a mais por passageiro na Via Mobilidade.

Como os representantes dos metroviários estão estabelecendo diálogo e colaboração com trabalhadores de outros setores afetados pelas propostas de privatização?

Nós somos muito orgulhosos de, no ano passado, termos feito um movimento para buscar esta unidade. E, obviamente, não fomos só nós. Unidade não existe sem todo mundo querer. Nosso objetivo é estreitar os laços cada vez mais com o maior número de categorias, principalmente aqui no estado de São Paulo, para impedir esse projeto que quer destruir os serviços públicos e a resistência dos trabalhadores.

CONFIRA A ENTREVISTA COMPLETA ACESSANDO O QR CODE ABAIXO:



PETROLEIRAS NA LINHA DE FRENTE

Confira esse mergulho inspirador nos desafios e conquistas das mulheres que desbravam o universo petrolífero, desafiando estereótipos e moldando o futuro da indústria.

Neste mês de março, o Sindipetro Unificado convidou algumas trabalhadoras para definir o que é ser petroleira e, a partir disso, apontar os desafios da profissão. Destacamos algumas dessas histórias, que desafiaram um ambiente machista – apenas 17% da força de trabalho da Petrobrás é feminina – com coragem e determinação. Confira!



ADRIANA APARECIDA BATISTA

45 ANOS | ADMISSÃO: 24/09/2004 | TÉCNICA DE ADMINISTRAÇÃO

SER PETROLEIRA É: “Um motivo de muito orgulho, principalmente com o nosso Lula na presidência, o qual reconhece a importância do trabalho de cada petroleiro e nos incentiva a lutar pela nossa empresa, que é essencial para o crescimento do país”.

DESAFIOS: “Encarei como um desafio meu primeiro local de trabalho, a plataforma PNA-2, pois era muito difícil ficar longe da família durante tantos dias. Agora, em terra, é mais fácil conciliar família e trabalho”.



CIBELE IZIDORIO FOGAÇA VIEIRA

41 ANOS | ADMISSÃO: 01/11/2002 | TÉCNICA DE BENS E SERVIÇOS

SER PETROLEIRA É: “Ser trabalhadora”.

DESAFIOS: “Estar em uma categoria majoritariamente masculina com cultura hierarquizada e militar.”



CRISTIANE REIS DE SOUZA

41 ANOS | ADMISSÃO: 02/05/2005 | TÉCNICA DE OPERAÇÃO SÊNIOR DO SETOR DE TRANSFERÊNCIA E ESTOCAGEM

SER PETROLEIRA É: “Fácil. Difícil mesmo é ser dona de casa, mãe, diretora sindical, cipista e... petroleira.”

DESAFIOS: “Como trabalhamos em uma unidade industrial predominantemente masculinizada, o principal desafio é destacar-se profissionalmente em um ambiente que reflete nossa sociedade repleta de vieses. E, assim sendo, vê-se como muito natural um líder ou mesmo um colega de trabalho ter a tendência de se conectar com pessoas com quem se assemelha em termos de aparência, interesses e experiências anteriores.”



HELENITA CRISTINA CABRINI MACHADO

54 ANOS | ADMISSÃO: 03/12/2003 | AUXILIAR DE LABORATÓRIO

SER PETROLEIRA É: “Não me considero uma mulher petroleira, pois sou uma terceira, mas me considero uma mulher guerreira, criei meus filhos. Quando entrei em 2003, meu filho era pequeno e hoje eu tenho minha filha casada, meu filho casado, sou casada há 33 anos e meu esposo trabalha na movimentação de carga, meu filho trabalha na mecânica, minha filha é química aqui no laboratório e hoje pela graça de Deus vai me dar minha primeira netinha, a Hellenia. Me sinto uma mulher realizada, graças a Deus”.

DESAFIOS: “Iniciei na refinaria como auxiliar de limpeza e logo percebi a rejeição do fiscal, que possivelmente tinha interesses pessoais. Apesar disso, colegas solidários me apoiaram. Uma pessoa defendeu minha competência perante à encarregada, o que resultou na minha promoção à encarregada de limpeza. Enfrentei resistência de alguns colegas, mas aceitei a oportunidade com fé, acreditando que Deus capacita os escolhidos. Ao longo dos anos, desempenhei diversas funções e mantive fortes laços na refinaria. Enfrentei os desafios, rejeição, inimizades de alguns, mas permaneço firme, executando minhas tarefas com excelência e segurança. Estou aqui até hoje, orgulhosa da minha jornada.”



IANNY MARTINS DA SILVA ALMEIDA

41 ANOS | ADMISSÃO: 15/10/2007 | TÉCNICA DE FAIXA DE DUTOS

SER PETROLEIRA É: “Um orgulho trabalhar para o desenvolvimento da minha família, da sociedade e do país.... gerando e distribuindo energia!”

DESAFIOS: “Somos minoria, ocupar cargos de liderança é um grande desafio.”



MARLENE PEREIRA DA SILVA

55 ANOS | ADMISSÃO: 06/01/2000 | AUXILIAR DE JARDINAGEM

SER PETROLEIRA É: “Ser alguém que carrega na sua essência a luz da vida e a esperança do amanhã, o calor do amor.”

DESAFIOS: “Sempre estar atenta às mudanças e perigos que a profissão remete.”



MICHELE DE JESUS

40 ANOS | ADMISSÃO: 08/01/2016 | OPERADORA DA DESTILAÇÃO

SER PETROLEIRA É: “Poder mostrar pra sociedade que lugar de mulher é onde ela quiser estar. Seja em casa cuidando da família ou em qualquer profissão. Quando se tem amor e dedicação, podemos sim. E sem esquecer de olhar pra nós mesmas!”

DESAFIOS: “Meu maior desafio é conseguir conciliar a rotina de mãe de dois meninos (Heitor, cinco anos, e Henry, um ano), com a profissão de operadora de turno na Petrobrás. Minha família está há apenas sete meses na cidade, viemos da Bahia, transferidos. Estamos aqui sem rede de apoio, contando com a parceria do esposo nessa missão que é de educar nossos filhos com amor, respeito e dignidade.”



NICIA REGINA CUNHA LERUSSI

60 ANOS | ADMISSÃO: 01/08/2003 - SAÍDA (PDV): 28/09/2020 | ASSISTENTE SOCIAL

SER PETROLEIRA É: “Ter orgulho de pertencer e contribuir com seus conhecimentos, habilidades e atitudes para o crescimento da maior Companhia do país.

É esperar construir uma trajetória de sucesso, com reconhecimento pelo seu desempenho e acesso a novas oportunidades. É se manifestar, pelos canais adequados, em casos de discriminação, preconceito e assédio moral ou sexual, de forma a contribuir para uma empresa mais justa e mais acolhedora.

DESAFIOS: “Iniciei na refinaria como auxiliar de limpeza e logo percebi a rejeição do fiscal, que possivelmente tinha interesses pessoais. Apesar disso, colegas solidários me apoiaram. Uma pessoa defendeu minha competência perante à encarregada, o que resultou na minha promoção à encarregada de limpeza. Enfrentei resistência de alguns colegas, mas aceitei a oportunidade com fé, acreditando que Deus capacita os escolhidos. Ao longo dos anos, desempenhei diversas funções e mantive fortes laços na refinaria. Enfrentei os desafios, rejeição, inimizades de alguns, mas permaneço firme, executando minhas tarefas com excelência e segurança. Estou aqui até hoje, orgulhosa da minha jornada.”



THAISA DOMEN GÓES

38 ANOS | ADMISSÃO: 17/08/2006 | TÉCNICA DE OPERAÇÃO

SER PETROLEIRA É: “Ter coragem para se inserir em um ambiente predominantemente masculino e conseguir mostrar o seu valor e ter o seu espaço. É também conseguir conciliar a vida de turno com as demandas pessoais, principalmente ligadas à maternidade.”

DESAFIOS: “Acredito que hoje em dia estamos melhorando muito nessa questão de enxergar e respeitar a mão de obra feminina na Petrobrás. Antigamente, eram diversas situações que eu tinha que enfrentar pelo simples fato de ser mulher, não apenas questões mais críticas como assédio e o questionamento constante em relação a minha capacidade de executar trabalhos considerados inadequados para uma mulher, mas também situações do dia a dia, como, por exemplo, quando eu entrei não existia nem banheiro feminino no meu setor e eu tinha que ficar revezando o masculino com os demais empregados homens. Mas com a disseminação da cultura de combate ao machismo, esses episódios têm diminuído e o desafio é continuar até eles deixarem de existir.”

“NÃO TEM COMO CONQUISTARMOS AVANÇOS SEM ESTARMOS ORGANIZADAS”, AFIRMA PETROLEIRA

A diretora da FUP e do Sindipetro Norte Fluminense, Bárbara Bezerra, analisa a realidade das mulheres petroleiras e os seus desafios dentro da Petrobrás

Por Marcelo Aguilar

“Eu sou uma exceção”, afirma a petroleira Bárbara Bezerra, consciente da raridade que representa ser uma mulher petroleira atuando há dezessete anos na área operacional da Petrobrás. Em geral, a realidade – em relação a dos homens – é bem diferente para as mulheres no setor de petróleo e gás. Enfrentam enormes dificuldades para entrar na indústria e, quando entram, sofrem as consequências de um ambiente hostil. Apesar disso, afirma a petroleira, “a organização das mulheres tem permitido conquistas históricas”.

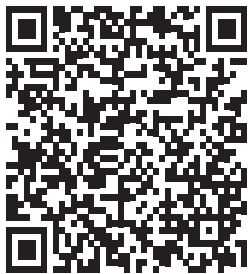
Mãe, nordestina, formada em Ciências Sociais, Bezerra é técnica em Segurança do Trabalho na Petrobrás desde 2007 e já trabalhou no sertão, na floresta e no mar. Para ela, apesar desses avanços, “o ambiente de trabalho ainda é extremamente hostil e

favorável a opressões”. Nesse contexto, celebra como um fato histórico que três Sindipetros, incluindo o Unificado, sejam dirigidos por mulheres: “Quando a gente coloca mais mulheres em posição de liderança e de visibilidade, isso faz com que outras mulheres tenham a permissão de acesso a esses lugares. Isso é muito valioso, é muito importante para representatividade, para abrir caminhos e dar espaço”. Apesar disso, aponta que não é suficiente lutar unicamente “para ter mais mulheres na liderança”, já que é preciso “projetos, treinamentos, planos concretos para inserir as mulheres e dar-lhes oportunidades de carreira”. Para isso, Bezerra manda um recado para suas colegas: “Não tem como conquistarmos avanços sem estarmos

organizadas”. Nesta entrevista, a dirigente aprofunda não apenas as dificuldades, como também as conquistas dos últimos anos.



CONFIRA A ÍNTEGRA:



“TODAS AS LUTAS EM DEFESA DA CLASSE TRABALHADORA SÃO UMA SÓ”, AFIRMA DOMÉSTICA

Representante das domésticas comenta os principais desafios enfrentados pela categoria e reafirma a necessidade de união dos trabalhadores

Por Marcelo Aguilar

“Infelizmente, a maioria da sociedade não nos enxerga como trabalhadoras ainda”, afirma a tesoureira do Sindicato das Trabalhadoras Domésticas de Campinas e Região, Aparecida Marcondes de Oliveira. Essa é uma realidade que afeta, em diferentes graus, o cotidiano de uma série de profissões circunscritas ao ambiente doméstico: cuidadoras, babás, faxineiras, diaristas. Todas elas, agentes-chaves na vida de muitas famílias e, consequentemente, de toda a sociedade. Porém, como constata a sindicalista, raramente são reconhecidas como trabalhadoras, à sombra da “colaboração”, do “é quase da família”, entre tantas outras figuras de linguagem que ocultam o “trabalho” e a sua exploração. “Somos uma categoria muito antiga no Brasil e no mundo, mas

sempre ficamos de fora da Constituição, sempre fora da CLT”, afirma Cida, como é conhecida. Ela vê na PEC das domésticas, aprovada em 2013, um avanço, mas denuncia: “ainda estamos longe dos direitos de outras categorias. 70% da categoria infelizmente não têm carteira assinada”. Por isso, acredita que há muitos desafios pela frente: “Precisamos levar mais informação para cobrar os empregadores e fortalecer a união das trabalhadoras, que se entendam como categoria”. Para Cida, esse entendimento é chave: “A gente tem que se sentir classe trabalhadora, não é cada uma cuidar só do seu território. Todas as lutas em defesa dos direitos da classe trabalhadora são uma só, mesmo vindo de setores e trabalhos

tão diferentes. Nós temos que nos sentir parte dessa luta maior e avançar juntas”. Os avanços e desafios são abordados por Aparecida nesta entrevista exclusiva concedida à comunicação do Sindipetro Unificado.



CONFIRA A ÍNTEGRA:





Foto: Joedson Alves/Agência Brasil

Apenas no ano passado, mais de seis mil postos de trabalho foram fechados no setor financeiro

DIGITALIZAÇÃO, CORTES E DESIGUALDADE SALARIAL: BANCÁRIA APONTA OS DESAFIOS DA CATEGORIA

Em entrevista ao Sindipetro Unificado, a presidenta do Sindicato dos Bancários de Limeira, Ivanice da Silveira Santos, discute o atual cenário enfrentado pelos trabalhadores do ramo financeiro

Por Guilherme Weimann

Os bancários, trabalhadores do setor financeiro, atualmente são aproximadamente 465 mil. Entretanto, apesar de ainda formarem uma das maiores categorias do país, eles têm diminuído significativamente o seu contingente nos últimos anos. De acordo com levantamento do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese), com base nos dados do Novo Cadastro Geral de Empregados e Desempregados, o setor fechou 6.315 postos de trabalho somente em 2023.

“Estamos enfrentando mais uma grande transformação do mundo do trabalho, atualmente chamado de ‘mundo do trabalho 4.0’”, aponta a presidenta do Sindicato dos Bancários de Limeira, Ivanice da Silveira Santos.

Bancária desde 1985, quando ingressou no banco BCN, posteriormente comprado pelo Bradesco, Santos foi incentivada a se engajar em política desde muito jovem: “Minha mãe e meu pai me ensinaram a lutar e eu sempre estive envolvida nos movimentos sociais, pelo direito à moradia, pelo direito dos trabalhadores e trabalhadoras de uma maneira geral”.

Com essa história de participação social, foi convidada a ingressar no sindicato em 1998, pela então presidenta Fátima Marina Celin – a segunda a presidir a instituição. Em 2001, passou a ser liberada para exercer exclusivamente o trabalho sindical e, desde 2019, passou a ocupar o cargo de presidenta – que há 30 anos tem alternado apenas entre mulheres.

“Até hoje, nós tivemos dois presidentes [homens], o [Luis Carlos] Pierri e o Fabio [Antonio Zuntini]. Depois, foram só mulheres, a Neide [Gonçalves Mansur], a Fátima [Marina Celin], a Dalva [Radeschi], a Ana [Lúcia Ramos Pinto] e hoje eu, que já fui secretária-geral por três mandatos, estou como presidenta. Eu tenho muito orgulho de fazer parte deste sindicato”, recorda.

Apesar desse protagonismo feminino dentro do sindicato,

há muitos desafios na questão de gênero dentro dos bancos e empresas do setor financeiro: “Atualmente, já existem muitas mulheres gerentes gerais, mas no alto escalão a presença feminina ainda é muito rara”. Mesmo representando cerca de 50% da categoria, as mulheres ainda possuem salários 23% menores, em média, do que os dos homens – apesar de serem mais escolarizadas.

Além disso, Santos aponta que as representações sindicais têm travado diversas batalhas contra a atual política monetária, herdada do governo passado: “Essas manifestações referentes à questão monetária são justamente para que os juros baixem e para que as pessoas tenham acesso a um crédito justo. Para que a economia melhore, como um todo. A política monetária precisa caminhar junto com o projeto do governo. Da forma que está sendo conduzida a política monetária, quem se beneficia são apenas os banqueiros. A taxa Selic precisa baixar, não dá pra continuar da forma que está”.

PARA CONFERIR A ENTREVISTA NA ÍNTEGRA, ACESSE O QR CODE:





Betânia Santos se consolidou como liderança feminina entre as prostitutas de Campinas: “Um dos principais desafios enfrentados é a quebra do estigma”. //

TRABALHADORA DO SEXO: “NOSSA LUTA É PARA GARANTIR OS DIREITOS DE TODA UMA CATEGORIA”

Prostituta e uma das principais lideranças das trabalhadoras do sexo de Campinas (SP), Betânia Santos aborda nesta entrevista os preconceitos e principais desafios da profissão

Por Vítor Peruch

Nesta entrevista exclusiva concedida ao Sindipetro Unificado, a prostituta Betânia Santos, uma das lideranças da Associação Mulheres Guerreiras, que organiza as trabalhadoras do sexo na cidade de Campinas (SP), revela os desafios enfrentados e os avanços conquistados na batalha pelos direitos da profissão.

Betânia nasceu no interior do Maranhão, na cidade de Caxias, e veio para o Jardim Itatinga, em Campinas, em 1990. A Associação Mulheres Guerreiras representa um coletivo de profissionais do sexo e foi criada por trabalhadoras que atuam no Centro da cidade.

Oficialmente, seu registro data de 2007, mas Betânia conta que a sua luta por mais dignidade para as profissionais começou antes, na década de 1990. Após a sua criação, o grupo tem se dedicado à busca por melhores condições de trabalho para a categoria que representa, visando ao reconhecimento enquanto trabalhadoras; à qualidade e segurança no trabalho; e à quebra do estigma existente em volta da profissão.

CONFIRA A ENTREVISTA ABAIXO:

Poderia se apresentar e contar como foi o início dessa sua luta?

Meu nome é Betânia Santos, tenho 51 anos de idade, dos quais 33 foram dedicados ao trabalho sexual. Minha jornada de ativismo teve início em 1998, quando

me envolvi com a Pastoral da Mulher. No entanto, foi somente em 2007 que percebi que nossa luta ia além da defesa dos direitos das mulheres; era sobre garantir os direitos de toda uma categoria. Afinal, o trabalho sexual é uma atividade que pode ser exercida por qualquer pessoa com mais de 18 anos.

Quando a Associação Mulheres Guerreiras começou a se envolver com outros sindicatos e como isso ressoou entre as trabalhadoras?

A Associação Mulheres Guerreiras foi acolhida pela CUT [Central Única das Trabalhadoras] Campinas desde 2009, graças ao apoio de Bel, da CUT, e Clarice, duas mulheres incríveis que acreditaram em nossa categoria e nos abriram essa possibilidade. A partir desse apoio, estamos caminhando em direção à sindicalização e aqui estamos, firmes na nossa luta.

Na sua opinião, quais são os desafios semelhantes aos de outras categorias de trabalhadores e trabalhadoras e quais são as principais diferenças? Como a unidade de trabalhadores pode contribuir para a aproximação dessas categorias?

Um dos principais desafios enfrentados é a quebra do estigma, que ainda persiste de forma significativa. A única semelhança que costumo destacar é com o trabalho doméstico, que todos realizamos, mas não somos reconhecidas.

Com a evolução do debate sobre a regulamentação da profissão no

Brasil, quais mudanças significativas têm sido observadas, e como a Associação tem contribuído e se posicionado nesse contexto?

O debate prossegue, porém, agora não se trata apenas da regulamentação, uma vez que a prostituição não é considerada crime. No entanto, o foco está nos locais onde exercemos nossa atividade, pois são esses locais que, segundo a legislação, podem configurar um crime. Eu considero isso ridículo, pois esses locais são essenciais para nossa segurança.

Como a Associação Mulheres Guerreiras enxerga o futuro do movimento sindical das profissionais do sexo no Brasil e quais são os próximos passos nessa luta por direitos?

A Associação Mulheres não enxerga o futuro, e sim luta para que esse futuro seja muito melhor para nossa categoria.

CONFIRA A MATÉRIA COMPLETA ACESSANDO O QR CODE ABAIXO:

